

## O Paleolítico em Portugal

### Estado actual do seu estudo

Não há ainda um século que na Europa se desconhecia por completo nos meios scientificos a existência duma época da vida da humanidade em que utensílios e armas haviam sido de pedra, de sílex duro e compacto, dessa pedra que toda se desfazia em faíscas rápido amortecidas, e que fôra a mãe do fogo, a primeira divindade do lar apiedada dos homens.

Perdia-se tam longe na cadeia dos tempos essa época, que maravilha seria que alguêm se recordasse de lhe estudar os vestígios, numa era em que a arqueologia histórica enchia o espirito e tomava o tempo de todos os sábios sem excepção. Andavam presentes à memória dalguns, cujo cérebro a educação clássica e humanística do tempo organizara fortemente, uns versos de Lucrécio (*De Nat. Rerum*, v. 1282) que referiam as idades do homem sôbre a terra:

Arma antiqua, manus, unguis, dentesque fuerunt,  
Et lapides, .....

¿Mas quem ia tomar estas palavras senão como uma indicação da primitiva rudeza, que tam mal se casava afinal com a idade de ouro cantada doutros poetas?!

Alguns objectos paleolíticos haviam mesmo sido já descobertos no comêço do século passado e anteriormente, mas ficavam ignorados e sem sentido entre os coevos do achado, como cousa que não vinha em seu tempo e cujo valor e natureza não eram compreendidos. Em 1801 John Frere descrevia numa *Memória* vários sílices talhados, encontrados com restos de animais fósseis no condado de Suffolk; desde fins do século xvii existia em Londres, guardado como curiosidade, um belo *coup-de-poing* de sílex (no British Museum) que fôra extraído do subsolo do Gray's Inn Lane, um dos mais afamados bairros da capital da Inglaterra. Ambos estes descobrimentos estiveram esquecidos até ao período de esplendor e vida desafogada do *Paleolítico*, porque se tratava de achados isolados, sem ligação nem semelhança que os notabilizassem.

De há meio século a esta parte, o estudo da idade da pedra lascarada, organizado com método e com o desvelado cuidado com que compete tratar-se quem é tam velho no mundo, tem tomado proporções de verdadeira sciência, a que nada falta, desde o Congresso Anual

à dúzia de revistas da especialidade, tanto na Europa como na América do Norte.

!Mas que tempo não custou essa organização, na lenta sucessão dos achados! Apareceram primeiro os rudes *coups-de-poing* cheleanos, pesados e disformes, talhados a golpes brutos; depois os sílices musterianos, mais perfeitos; depois os solutreanos, os aurignaceanos, os madaleneanos, os da Tourasse e os do Mas d'Azil.

A seguir, os ossos trabalhados com desenhos e gravuras que alcançam por vezes a perfeição gráfica; a escultura do marfim com trabalhos de baixos relevos e de *ronde bosse*; e por fim a pintura nas paredes das grutas adornando de figuras vermelhas e negras, — mamutes petrificados de atitudes, bisões que arremetem — a frieza dos grandes salões funerários.

Do fundo das cavernas, dos seus estratos e divisões complicadas, dos simples abrigos encostados às rochas ou sob as suas projecções perigosas, das estações ao ar livre em que o selvagem peludo armou as choças de coiros ou viveu sobre as árvores, e onde agora pacificamente os arados rasgam as linhas rectas das leiras, de todos estes lugares se tem extraído com que reconstituir quasi completamente o modo de viver dos primitivos.

E não só os objectos vieram; os próprios homens, conservados quasi por milagre nas suas carcassas frágeis, apareceram também. É já uma larga lista deles: Cró-Magnon, Furfooz, Neanderthal, Spy, Moustier, Hauser, La Chapelle aux Saints, Heidelberg, etc.

O nevoeiro denso que envolveu o homem pre-histórico, começa a desfazer-se; as figuras do lado de lá da névoa vão aparecendo mais nítidas; não tardará que as vejamos completas, forradas de peles ou tauxiadas apenas de enfiadas de conchas raras.

!Na brilhante cavalgada da sciência para o abismo do passado, que parte tomou Portugal? Conforme um velho costume, Portugal quedou-sê a vê-la transpor o limiar da grande caverna para lá de cujo boqueirão começa a preistória, e só muito depois tomou o trilho seguido. O que tem sido o estudo do paleolítico em Portugal é o ponto que vou fazer o possível por tratar neste artigo que não poderá ser longo.

\*

Há para a arqueologia portuguesa uma data memorável que, marcando para a arqueologia estrangeira apenas um congresso, neste exótico país de Portugal significa para nós mais alguma cousa do que o simples facto da sua realização em Lisboa. A 9.<sup>a</sup> sessão do

Congresso de Antropologia e Arqueologia Preistóricas, que se verificou em a nossa capital por fins de Setembro<sup>1</sup> de 1880, coincide em Portugal com a época de maior esforço, produção e entusiasmo pela arqueologia preistórica. À volta dessa data, gravitam os grandes trabalhos portugueses, os trabalhos fundamentais sobre que veio a assentar depois toda a construção preistórica nacional. Devem lembrar-se bem dêle os novos de há 30 anos, porque na ocasião visitaram o país algumas das maiores intellectualidades europeias, e porque as festas organizadas quando das excursões dos congressistas, ficaram por muito tempo na memória dos aldeãos cujo sossêgo turvaram, desde os campinos de Santarém às cheias moçoilas de em redor Guimarães.

No Congresso estavam representadas todas as nações cultas da Europa por nomês da mais autêntica valia: Mortillet, o velho, o sábio Vorsaae da fria Dinamarca, Quatrefages, um dos fundadores da paleontologia moderna, Evans, o lord, o douto Virchow, da imperial Alemanha, Lartet, Nadaillac e Rivière, da França, e entre os ainda hoje vivos Cartailhac, Capellini, Belluci e Pigorini.

Dentre os portugueses não faltavam nomes que todos conhecemos bem: Carlos Ribeiro, Néri Delgado, Estácio da Veiga, Martins Sarmiento, Oliveira Martins, Filipe Simões, Teixeira de Aragão, Consiglieri Pedroso, Sousa Viterbo e outros bem vivos ainda, e por muitos anos o desejamos, como Adolfo Coelho, José Caldas, Paul Choffat, Alfredo Bensaúde, Júlio Henriques, Gonçalves Viana e Joaquim de Vasconcelos.

Nesta brilhante assemblea falou-se muito em paleolítico; não era porém a primeira vez que isso se fazia em Portugal. Em 1871, Carlos Ribeiro apresentara à Academia de Ciências de Lisboa, juntamente com vários exemplares de sílices e quartzites, uma memória intitulada «Descrição dalguns sílex e quartzites lascados encontrados nas camadas do terreno terciário e quaternário das bacias do Tejo e Sado» (Lisboa 1871), em que conclufa pela existência do homem terciário. Logo no ano seguinte tornara a apresentar os mesmos objectos à 6.<sup>a</sup> sessão do Congresso de Antropologia e Arqueologia Preistórica<sup>2</sup>, e ainda em 1878 à Exposição Internacional de Paris, na secção de sciências antropológicas. Alguns sábios concordaram

<sup>1</sup> O congresso abriu a 20 e encerrou-se a 29, tendo havido onze sessões e realizando-se excursões a Ota, Muge, Cascais, Cintra e à Citânia de Briteiros.

<sup>2</sup> Carlos Ribeiro menciona êsse facto no «Relatório acêrea da 6.<sup>a</sup> reunião do Congresso de Antropologia e Arqueologia Preistórica (Lisboa 1873)».

com a classificação do ilustre geólogo; mas como o número dos crentes fôsse deminuto, e fôsse necessário fazer uma verdadeira cruzada contra os inficéis, lá tivemos de novo no congresso de 1880 (2.<sup>a</sup> sessão) Carlos Ribeiro falando do homem terciário e defendendo com entusiasmo a existência dêle em Portugal nas encostas de Otta, lá onde tinham sido as margens suaves dum grande lago morto<sup>1</sup>. Néri Delgado apresentou (3.<sup>a</sup> sessão) a sua descrição da Gruta da Furninha e junto com ella um rude *coup-de-poing* amigdalóide (hoje no Museu da Comissão Geológica) encontrado na camada quaternária da gruta, à mistura com sílices talhados, ossos de animais de espécies desaparecidas e um pequeno maxilar de criança<sup>2</sup>. O engenheiro portuense Frederico de Vasconcelos leu (4.<sup>a</sup> sessão) um resumo dum trabalho sôbre Depósitos superficiais da bacia do Douro, em que denunciava a presença do homem quaternário em vários pontos da margem esquerda do Douro, frente ao Pôrto, pelas quartzites talhadas que ali encontrara<sup>3</sup>.

Resta dizer que a comissão encarregada de estudar os sílices da Ota apresentou na 6.<sup>a</sup> sessão as suas conclusões, admitindo a probabilidade da existência do homem terciário português — a que Mortillet, um dos seus defensores<sup>4</sup>, classificou como *Antropitecus Ribeiroi* — mas não se decidiu de todo, e a questão ficou pouco mais ou menos como estava; chegou até nós na original pureza, sem que ninguêem ousasse tocar-lhe mais.

Sob o aspecto antropológico, apenas Paulo de Oliveira descreveu um crânio aparecido no vale do Arieiro (Vila Nova da Rainha) em terreno considerado quaternário por Carlos Ribeiro.

Foi esta a parte que no Congresso teve a arqueologia paleolítica, e desde então até 1909 pouco mais se fez em Portugal. Ulteriormente Carlos Ribeiro e Cartailhac descobriram alguns instrumentos de pedra lascada, nos arredores de Leiria. Cartailhac descreveu um *coup-de-poing* nos *Âges préhistoriques*, mas Carlos Ribeiro morreu pouco depois sem deixar informações dos seus achados.

Nos primeiros mostradores da esquerda de quem entra na sala de Antropologia da Comissão Geológica, há vários instrumentos pa-

<sup>1</sup> A comunicação ao Congresso teve por título «L'homme tertiaire en Portugal», e acha-se no *Compte-Rendu* a pp. 81 e 92.

<sup>2</sup> No *Compte-Rendu*, pp. 208-278, «La grotte de Furninha à Peniche».

<sup>3</sup> *Compte-Rendu*, pp. 155-189: «Resumé d'une étude sur quelques dépôts superficiels du bassin du Douro».

<sup>4</sup> No Congresso (*Compte-Rendu*, p. 94 sgs.) e no seu livro *La Préhistoire*.

leolíticos de sílex e quartzite, provenientes de Santo Antão do Tojal (próximo de Lisboa), da encosta do Corvo, Chãos e igreja dos Milagres (arredores de Leiria), que é provável fôsem ainda recolhidos pelo illustre geólogo.

Na mesma sala há ainda alguns outros objectos paleolíticos. No primeiro mostrador do centro vêem-se três pedaços de sílex — um bloco lascado, uma lasca e um raspador — aparecidos junto com ossos da *Hyena Spelaea* e do *Ursus Arctos*, na gruta das Fontainhas (Serra do Montejunto). Em alguns outros armários, ao lado de depósitos neolíticos, encontram-se vários sílices de talhe paleolítico; alguns da Pedreira do Carrascal, Colaride e Casal da Barota (Belas), Torres Vedras e Vimeiro. São porém em pequena quantidade e insufficientes para prova completa.

De Caneças há também alguns sílices de aparência paleolítica, iguais a uns que já lá recolhi também nas proximidades.

Se, porém, estes últimos podem oferecer dúvidas, o mesmo não succede com os encontrados no depósito quaternário da gruta da Serra dos Molianos (Turquel) e agora recolhidos, juntamente com fauna quaternária e pedaços de calcite, no armário n.º 31 da Sala de Antropologia. Entre os sílices há uma espécie de larga faca com o dorso de três planos e de côr rosada, que é um belo exemplar.

Vem a propósito dizer que as três únicas grutas exploradas em Portugal que deram ou em que se deu pelo paleolítico são as da Furninha, Fontainhas (Montejunto) e Serra dos Molianos, esta última, como a primeira, no distrito de Leiria.

O colector António Mendes, da Comissão dos Trabalhos Geológicos, encontrou um dia na serra de Monsanto, sôbre a capela de Sant'Ana, uma bela faca paleolítica que guardou e levou para o seu museu sem ligar maior importância ao achado, nem reincidir na investigação do local, o que deu em resultado ficar então por descobrir uma grande estação preistórica.

Fora de Lisboa, o Museu Municipal da Figueira da Foz guarda na sua estante 1.<sup>a</sup>—B alguns instrumentos de quartzite, provenientes das aluviões quaternárias da Fontela (perto da Figueira). Infelizmente, é minha opinião que só a muita vontade de Santos Rocha foi capaz de descobrir trabalho intencional em semelhantes calhaus. Na mesma estante há também uma série de jaspes (?) lascados, collidos no Forno Velho ou Forno de Elrei, na Serra do Bouro, que são positivamente tallados, e quaternários. Todos estes objectos vem descritos no *Catálogo geral do Museu* (1905), p. 22, e no aditamento 2.<sup>o</sup> (1909), p. 3, do mesmo catálogo.

A páginas 281 do volume VII d-*O Archeologo Português*, nas «Estações preistóricas dos arredores de Setubal», o Sr. Marques da Costa descreve um instrumento paleolítico que encontrou junto a um regato, nos Combros (perto de Setúbal), instrumento que apresenta o tipo vulgar das pontas musterianas.

Em 1892, Fonseca Cardoso recolheu no vale da Alcântara um *coup-de-poing* de quartzite, e outro de calcáreo silicioso, com 0<sup>m</sup>,235 de comprimento; o Sr. Paul Choffat inclina-se porêr a que este último não seja verdadeiro. Como não sei onde param os dois instrumentos, nada posso acrescentar. A páginas 590 de *La Préhistoire*, Mortillet refere-se aos dois instrumentos e ao seu descobridor.

Finalmente, para o Museu Etnológico de Belém trouxe o seu illustre director, da Serra do Brunheiro (Chaves) <sup>1</sup>, uma ponta grande, de sílex, trabalhada com cuidado, a qual é, tanto pela qualidade da pedra como pela técnica da factura, uma das melhores peças arqueológicas do país, embora reduzida a metade.

Da idade da pedra lascada era isto só o que havia em Portugal nos começos de 1909; desde então os descobrimentos tem-se multiplicado de maneira notável.

\*

Um francês, o professor Lapierre, que visitou o nosso país com demora, em princípios de 1909, notando que os sílices de Sant'Ana (Monsanto) eram intencionalmente talhados, recolheu alguns, e chamou a atenção dos arqueólogos para essa estação, onde o colector Mendes anos atrás descobrira a grande faca, e em frente da qual também, provávelmente na Rabicha, Fonseca Cardoso encontrara os seus *coups-de-poing*.

O professor francês recolheu algumas lascas grandes e pequenas, *lames*, e uma ou outra pedra com vestígios de trabalho, mas não encontrou instrumentos completos. O Museu Etnológico e principalmente o autor d'este artigo exploraram depois a estação, recolhendo

---

<sup>1</sup> Parece que esta serra dá esperanças de vir a ser uma bela estação paleolítica. Pelo que diz um conhecido filho de Chaves, a dita serra está inexplorada não só para a arqueologia como também para a simples cultura; se não, é ver este trecho duma descrição de Chaves publicada na *Capital* de 17 de Julho pelo Sr. António Granjo, deputado da nação: «Sob a ponte romana, as lavadeiras cantam. Acima dos trigais, em voos concêntricos, as parpalhaças erguem os seus hinos ao sol. E na lombada negra da Serra do Brunheiro, onde os lobos se acoitam e as víboras medram, a capelinha do Senhor da Esperança, alva como um pombal, sorri ingenuamente por entre os carvalhos e os penedos».

instrumentos perfeitos e variados de todos os tipos do paleolítico francês, conseguindo formar uma boa colecção de *coups-de-poing*, pontas, facas, raspadores, *grattoirs*, percutores, núcleos, etc. Ainda bem recentemente o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos lá descobriu um esplêndido *coup-de-poing*, de 0<sup>m</sup>,20 de comprimento, e o autor destas linhas, outro semelhante, de 0<sup>m</sup>,234, instrumentos que são inquestionavelmente, por agora, os melhores do país.

No mesmo ano de 1909, Joaquim Fontes descobriu no Casal do Monte uma bela e riquíssima estação à *coups-de-poing*, onde o sílex e os instrumentos apresentam tipos diversos dos de Sant'Ana. Descobriu depois dessa, até hoje, mais as estações do Casal das Osgas e Casal da Serra (Damaia), Salrêgos, Penas Alvas, Monte da Bica, Agonia (Loures) e Casal do Barel (Amadora), esta última juntamente com o autor e com o Dr. Leite de Vasconcelos.

Pela sua parte, o autor deste artigo teve também a felicidade de encontrar nos arredores de Lisboa, desde 1909 a 1912, uma série de estações que enumera, e de que já mencionou algumas em nota da página 9 da *Lisboa Prèistórica*, II:

Monte da Peça (Belas), Damaia, Casal do Garoto (Damaia), Quinta de Alfragide (Damaia), Casal do Canas (Damaia), Alfragide 1.º, Monte da Barronchada (Carnaxide), Serra de Carnaxide, Casal dos Gosmos, Amadora, Monte do Penedo, Casal de Vila Chã, Castelo e Moinho da Bôba (Amadora), Queluz de Baixo, Monte Abrão, Quinta do Tórres (Bemfica), Paço d'Arcos, Moinho das Cruzes (Campolide), Vila Pouca — um pouco acima da estação neolítica do mesmo nome — (Campolidê), Quinta dos Alvitos (Odivelas), Famões, Alto do Castelo (Liccia), Ribeichelas (Almornos) e Almargem.

Cômo se vê, em quatro anos o número de estações conhecidas aumentou consideravelmente. Acresce que as que se tem encontrado agora são estações completas, com todo o vasto e variado material quaternário: *coups-de-poing*, pontas, raspadores, percutores, núcleos, *grattoirs*, *pointes à cran*, pontas solutreanas, *lames*, *poinçons*, *perçoirs*, e todas as mil pequenas variedades de instrumentos de transição que tam enfastiante tornam a classificação paleolítica.

Tirando um pequeno grupo formado pelas estações de Sant'Ana (Monsanto), Vila Pouca (Monsanto), Monte da Peça (Belas) e Penas Alvas e Outeiro (Paço d'Arcos), todas as outras enumeradas apresentam o mesmo tipo de instrumentos, fabricados com o mesmo material.

Esse material é o seguinte: sílex alvo, nativo dos bancos do calcáreo (cretáceo), no grupo acima citado; sílex colorido, de tons amarelos e avermelhados, aparecendo em *rognons*, chamado *asa de gali-*

*nha* pelos saloios, nas restantes estações. Falo, é claro, da côr que as pedras tomam depois de patinadas.

Podemos agrupar assim, geográficamente, as estações da pedra lascada que existem entre nós: no distrito de Lisboa, 38 estações (Peniche, Setúbal, Ota, arredores de Lisboa); no distrito de Leiria, 5 (Serra do Bouro, Serra dos Molianos, Milagres, Marrazes, Cabaços); no do Porto, 1 (margem esquerda do Douro, frente à cidade); no de Vila Real, 1 (Serra do Brunheiro—Chaves).

Tal é a situação do estudo do Paleolítico em Portugal à data em que escrevo. Não se pode dizer que êsse estudo esteja muito adiantado; deve porém notar-se que se está, por assim dizer no começo, e que os investigadores são muito poucos.

Lisboa, Maio de 1912.

VERGÍLIO CORREIA.

## Aula de Numismática da Biblioteca Nacional de Lisboa

(Cf. *O Arch. Port.*, xv, 333)

### 1. Anò lectivo de 1910-1911

Noções gerais: moedas e medalhas.

Nomenclatura.

Bibliografia. Revistas e livros novos.

#### 1.ª parte do curso:

Medalhas portuguezas dos sec. XIX e XX (continuação do assunto estudado nos precedentes años lectivos); medalhas camonianas; medalhas de Vasco da Gama, comentadas com trechos dos *Lusiadas*; medalhas várias.

#### 2.ª parte do curso:

Moedas portuguezas da 1.ª dinastia.

Algumas moedas da 2.ª dinastia.

Moedas filipinas.

Como, por eu ter sido nomeado professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, deixei de exercer na Biblioteca Nacional o cargo de 1.º Bibliotecário, a que andava anexo o de professor da cadeira de Numismática, terminam aqui as minhas lições, que se prolongaram durante vinte e tres anos.